

Um Jardim de Romãs – Parte 7

A Cabala Literal - Continuação

Por trás da descrição dos 32 Caminhos de Sabedoria e o esboço das ideias cabalísticas sobre números, já deveria estar suficientemente claro, inclusive para o leitor mais despreocupado, que quanto mais conhecimento se tem ao alcance, sejam do tipo que for, e maior é a experiência individual, ter-se-á maior consideração ao sistema como forma de classificação.

Não se pode enfatizar demasiadamente que ao ser este um sistema para a classificação de *todas as ideias* não há nada nele que não possa ser compreendido.

Por conseguinte, não houve nenhuma tentativa em dar aqui um grande número de correspondências, já que está é uma tarefa que concerne à investigação individual.

Deve-se desculpar o escritor por repeti-lo com tanta frequência, porém é tão importante que aproveita qualquer oportunidade para recordá-lo.

À primeira vista, todo o sistema da Árvore Sephirótica com as múltiplas correspondências, pode ser utilizado como um sistema de classificação psicológica ou espiritual, que pode parecer ao leitor totalmente ininteligível.

Porém se aplicado com seriedade, com o tempo, notará uma assimilação inconsciente — análoga à semente de uma árvore tomando a raiz silenciosamente, secretamente, nas obscuras profundezas da Mãe Terra. Quando a semente finalmente lança brotos e raízes, em busca de nutrientes e de algo em que possa se agarrar e segurar, o talo tenro empurra-se para cima até o sol, a fonte de luz e de vida.

Assim acontece também com os princípios fundamentais da cabala.

Primeiro deveria memorizar-se a semente original das poucas, porém importantes, correspondências, das quais depende toda a superestrutura, deveria empenhar-se em memorizar e fazer uma parte integral da consciência cotidiana individual.

Para facilitar o estudo, o leitor que está realmente interessado em demonstrar a si mesmo o valor inestimável da Árvore da Vida como um método de classificação, deveria procurar uma caixinha que contenha aquilo que é conhecido como fichário.

Esta, na realidade, nada mais é do que uma pequena caixa que contém um número indeterminado de etiquetas em branco.

Estas deveriam classificar-se em vários compartimentos, numerados de 1 a 32.

Cada correspondência, mencionada nos capítulos anteriores, deveria ser anotada em uma etiqueta e colocada em seu lugar adequado, em seu número apropriado.

Então, o estudante deveria anotar brevemente em cada etiqueta os diversos fatos que conhece e que dizem respeito a todas essas atribuições, e trabalhar para adquirir um conhecimento mais profundo sobre alguns dos novos detalhes.

Desta forma tão prática classificaria todo seu saber em 32 compartimentos ou divisões, e todos os fatos novos que obtiver mais adiante serão automaticamente agrupados em alguma destas divisões.

Quando for realizar esta tarefa, deve se esforçar por reduzir em sua mente a informação contida nestas 32 divisões com seus fatos multitudinários a dez, o

número de sephiroth e, finalmente, a um.

Esta última tarefa será muito mais simples se for memorizada a relação obtida entre os Caminhos e as Sephiroth, e a *forma* da mesma Árvore.

Todas as atribuições devem ser cuidadosamente *traçadas* e correlacionadas pelo leitor com a forma sintética e harmoniosa na qual é criada com as dez Sephiroth e os vinte e dois Caminhos.

Também deveria recordar a natureza tri-una de cada unidade; recebe do alto, retém e expressa a sua própria natureza e transmite sua influência àquela que está abaixo.

Esta é a base fundamental sobre a qual deve basear-se qualquer estudo profundo.

Quando esse estudo progride, vai se arquivando uma série mais completa e compreensível de atribuições nos invólucros originais e a Árvore cresce aos olhos de cada um.

As correspondências de cada unidade podem ser ampliadas indefinidamente, já que cada Sephirah e cada Caminho secundário podem ser visualizados contendo uma Árvore da Vida dentro de sua própria esfera, e pode, dessa forma, dividir-se para alcançar uma análise mais precisa e detalhada em dez subdivisões.

A mesma Árvore pode, também, situar-se em cada um daquilo que se denominam os Quatro Mundos no esquema cabalístico da evolução.

Ver figura abaixo

O esquema sefirótico originalmente se preocupava com os mistérios da evolução e os cabalistas conceberam a evolução do cosmo de forma complexa.

Afirmavam que os Quatro Mundos ou Planos de Consciência tinham sido produzidos sucessivamente a partir de um tipo de corrente ou emanção de Ain.

Por conseguinte, a Árvore se divide em quatro regiões diferentes de consciência, de quatro planos cósmicos nos quais atuam o fluxo criativo ou fluxo pulsante de vida.

O primeiro desses quatro planos criativos é Olam Atziluth, o Mundo das Emanações ou o Mundo Arquetípico.

O segundo é Olam Briah, o Mundo Criativo.

O terceiro é Olam Yetzirah, o Mundo Formativo; todos encontram sua expressão e concreção dinâmica em Olam Assiah, o Mundo da Ação ou Mundo Material, que o *Zohar* considera como a verdade que vive na cooperação harmoniosa de todas as sephiroth, fazendo do universo em toda a sua ordem e simetria uma manifestação verdadeira e exata do Pensamento Divino do Mundo Arquetípico.

A autoridade zohárica para este conceito filosófico se encontra no *Zohar* (I, 156, *et seq.*):

Tudo aquilo que existe sobre a terra tem seu equivalente espiritual no alto e não há nada neste mundo que não corresponda a algo de Cima e não dependa dele.

Todo conteúdo no mundo inferior também se encontra em protótipo.

O Inferior e o Superior atuam um sobre o outro, e vice-versa.

Esta divisão pode ser contemplada de duas maneiras.

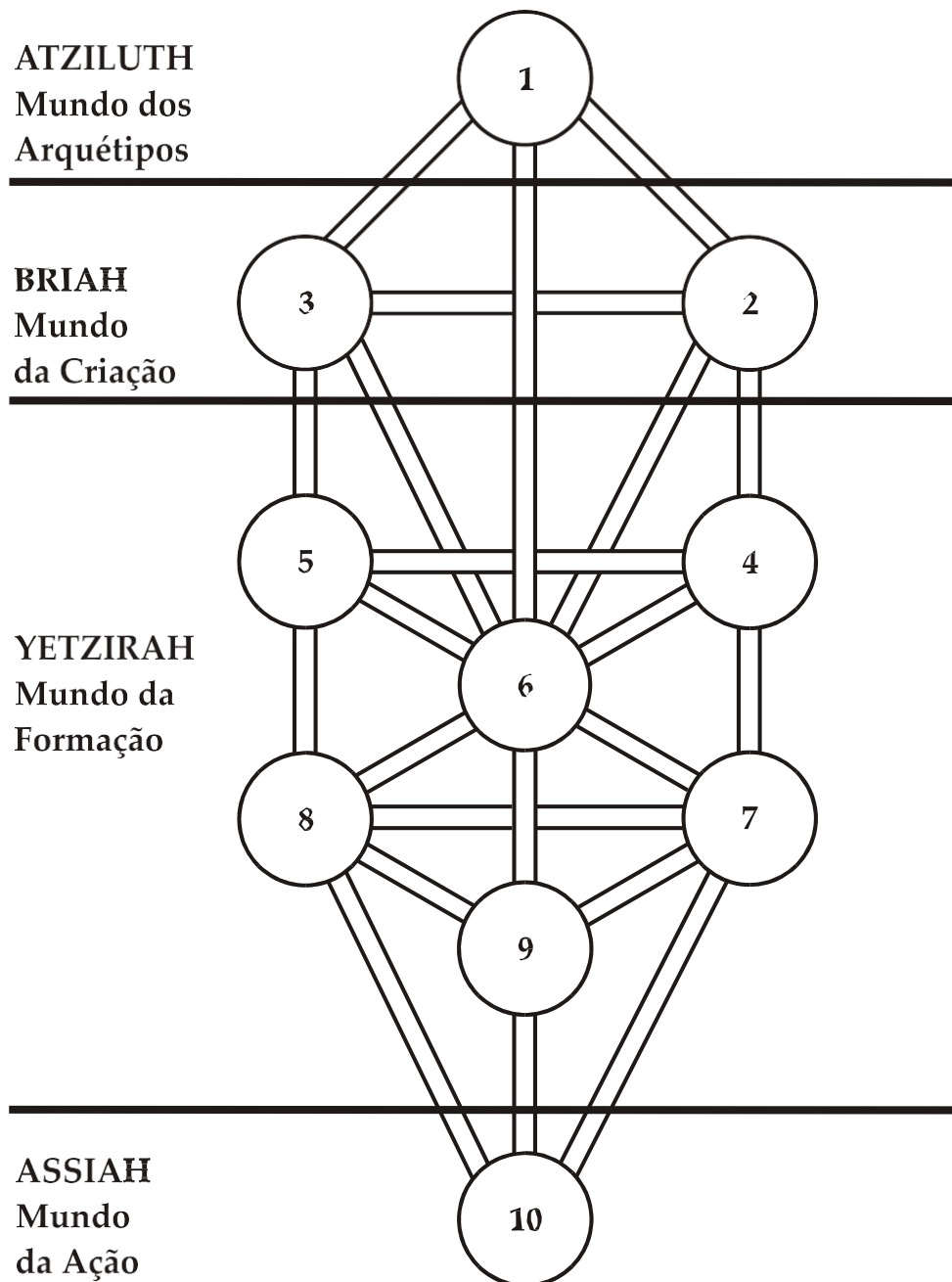


Figura: Os Quatro Mundos da Árvore da Vida

A sephirah mais baixa de Atziluth se converte, dessa forma, na Kether de Briah, como mostra o diagrama abaixo e a Malkuth de Briah se converte na Kether de Yetzirah, e assim sucessivamente.

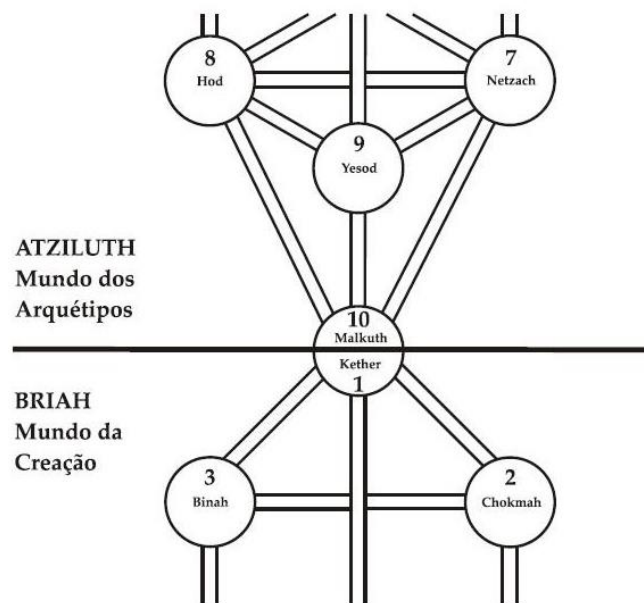


Figura : *Malkuth em Kether*

No Mundo Formativo, que é o plano das forças astrais, as ideias são projetadas ainda mais, sendo vestidas aqui com um esboço ou modelo de matéria elétrica e magnética.

A substância astral é um fluido onipresente e todo permeado de matéria extremamente sutil, de substância em um estado muito tênue, e no processo de posterior evolução, ele produz e atua como o substrato do mundo material, que é uma cópia do astral em material mais denso e bruto. Desta forma seria necessário um grande número de tríades para fins comparativos — como seriam necessárias para atribuir as categorias das tríades da filosofia hegeliana da Árvore da Vida —; obtemos por este meio um sistema de doze tríades, com um pendente formado pela décima terceira sephirah em Assiah.

As cartas do Tarô também foram atribuídas a estes Quatro Mundos.

O grupo de cartas consiste em 22 Trunfos atribuídos ao alfabeto hebraico; quatro grupos de catorze cartas cada um, chamados Bastões, Taças, Espadas e Pantáculos.

As primeiras dez de cada conjunto, como já vimos, são atribuídas às sephiroth.

As quatro restantes de cada grupo são as Cartas da Corte: Rei, Rainha, Príncipes ou Cavalheiros, e Princesas ou Pajem, e se atribui as letras do Tetragrammaton e aos Quatro Mundos Criativos.

Nas reproduções de baralhos modernos cometeu-se uma série de erros involuntários.

O Rei foi representado como sentado passivamente em seu trono; o Príncipe ou Cavalheiro foi representado escarranchado em um cavalo galopando, esgrimindo ativamente suas armas.

Na realidade os símbolos deveriam inverter-se, pois o Rei (o Demiurgo ou Macroprosopus em Kether), que representa Olam Atziluth, é criativo e positivo, e transmite a corrente vital à Rainha, que é a Mãe, Olam Briah, suportando passiva e pacientemente o labor da Criação que continua em seu interior.

O Príncipe ou Cavalheiro (o Microprosopus se situa em Tiphareth), representando Olam Yetzirah, é semelhante ao Rei em sua função, porém subsiste em um plano bem mais inferior, recebendo as ideias e a força do Pai através da Mãe, cujas impressões, por sua vez, dão à Princesa ou Pajem, que é a Virgem, Olam Assiah.

Os nomes dos naipes também são descrições da ampla extensão da natureza dos Mundos.

O Bastão é o símbolo mágico da Vontade Criativa que desenvolve as ideias arquetípicas originais em Olam Atziluth.

Projetam-se em Olam Briah, o Mundo Criativo, simbolizado pelas Taças.

A taça é um símbolo claramente feminino, passivo e receptivo, impaciente por receber a influência masculina do alto.

As Espadas representam o Plano Formativo, pois a espada corta, forma e perfila.

Os Pantáculos, sendo feito de cera — um símbolo da terra — passivo e inerte — simboliza o Mundo da Ação e Matéria, onde as forças dos planos mais transcendentais têm seu campo de manifestação.

Tenho que fazer aqui uma pequena advertência.

Não se deve supor que estes Mundos estão um acima do outro no espaço ou no tempo.

Essa é a ideia zohárica.

Este é um dos principais inconvenientes das representações dos diagramas. São reinos de consciência e cada um tem um veículo apropriado de matéria, uma mais sutil, outra mais densa.

Blavatsky afirma que estão "em condições, porém não em consubstancialidade".

A implicação desta surpreendente frase é que sua substância não tem o mesmo grau de densidade, embora possam ocupar a mesma posição no espaço.

Contudo, a distinção é de qualidade de matéria, não de posição no espaço. É necessário fazer algumas observações a respeito dos métodos de contemplação da Árvore e sua forma em geral.

No capítulo 3 o leitor terá observado nos diagramas que havia três tríades de sephiroth, culminando em um pendente de uma décima sephirah que foi chamada de Malkuth.

Existe, entretanto, outra forma de observar a Árvore.

As sephiroth se dispõem em Colunas, pois existem três do lado direito, três do lado esquerdo e quatro no meio.

Chokmah, Chesed e Netzach são aquelas do lado direito e compreende aquilo que se denomina o Pilar da Misericórdia, comparável à coluna *Yachin* dos maçons.

Binah, Geburah e Hod são as sephiroth do lado esquerdo e formam o Pilar da Severidade — a *Boaz* maçônica —, enquanto que as quatro sephiroth compostas por Kether, Tiphareth, Yesod e Malkuth, o tronco principal da Árvore, formam o Pilar do Meio.

Seria muito interessante para o leitor, em relação ao Pilar do Meio, observar as palavras usadas no Êxodo a respeito da vara de Aarão ou o bastão de amendoeira.

As palavras são **מטה השקד** (*Matoh haShaked*).

Por Gematria, o valor destas palavras é 463.

No capítulo 4 vimos que 400 era Tau (ת), o Caminho 32, que conduz de Malkuth a Yesod.

60 é o Caminho de Samekh (ס), que leva Yesod a Tiphareth.

3 é o Caminho de número 13, Gimel (ג), que une diretamente Tiphareth à Coroa.

Toda a ideia da vara de Aarão, o Sumo Sacerdote, indica que o eixo que conecta às sephiroth do Pilar do Meio, um caminho reto desde o Reino até a Coroa.

Neste ponto pode surgir na mente do estudante de filosofia a questão de saber se a cabala é resolvida em um esquema objetivo ou subjetivo.

Em outras palavras, é a percepção do mundo através dos cinco sentidos o resultado da criatividade do meu ego espiritual, não tendo existência fora da minha própria consciência?

Ou a cabala inclui o Universo como objetivo e subjetivo ao mesmo tempo?

Um estudo da ideologia cabalística e das correspondências nos levaria a supor que a cabala aceita a realidade absoluta das coisas externas no sentido mais objetivo.

Se tivéssemos que lhe dar um nome este seria o de um Idealismo Objetivo.

Todas as nossas percepções não são exclusivas do Ego e nem daquilo que se percebe; são as representações de certa relação e interação entre os dois.

Não podemos afirmar nenhuma qualidade de um objeto independentemente

de nosso aparato sensorial.

Nem podemos, por outro lado, atrever-nos a imaginar que aquilo que conhecemos é mais do que uma representação parcial de sua causa.

Somos incapazes de determinar, por exemplo, o significado de ideias como movimento, ou distinguir entre o espaço e tempo, exceto em relação a algum observador em particular e alguma coisa particular observada.

Por exemplo, se durante a experimentação um canhão enorme fosse disparado duas vezes em um intervalo de três horas, uma entidade solar notaria uma diferença de vários milhares de milhas no intervalo entre os disparos, muito mais do que três horas de diferença no tempo.

Contudo, somos totalmente incapazes de perceber os fenômenos se não for através dos sentidos.

Seria correto nesse momento, e de um ponto de vista puramente cabalístico, imaginar que o Universo também é subjetivo sem negar em absoluto a sua objetividade.

Não obstante, devo acrescentar como advertência que a cabala não se preocupa com a evolução racional da objetividade ou subjetividade do Universo.

Como tão frequentemente temos destacado, trata-se, principalmente, de um sistema psicológico para comparar e classificar todas as ideias e experiências.

Indiscutivelmente, o estudante começará a perguntar-se como é possível correlacionar os conceitos mitológicos abstratos, inerentes em nossas sephiroth, à ideologia dos diversos sistemas acadêmicos de filosofia.

Esta tarefa não é particularmente difícil, uma vez que se tenha uma perfeita linha de correspondências estabelecidas na própria mente.

Tomemos, por exemplo, o idealismo crítico de Kant.

O Universo, existindo no tempo e no espaço, é considerado como uma criação subjetiva do Ego perceptível; ideias como tempo e espaço são *a priori* categorias ou formas do pensamento criativo.

Como podemos agora estabelecer uma correspondência entre nossa cabala e o conceito mencionado?

Kether foi definida como o Ego, a Mônada, "o centro secreto do coração de todos os homens".

Por conseguinte, Kether é o nosso Ego transcendental.

Vimos que a Binah se atribuída Cronos ou o Tempo.

Desta forma, Binah combina com a categoria kantiana do tempo.

A esfera do zodíaco é uma correspondência de Chokmah e é, de certa forma, uma criação da ideia de Espaço.

Portanto temos o Universo completo como as sete sephiroth inferiores, que se projetam e existem no Tempo e no Espaço, ou Chokmah e Binah, que são as funções da faculdade integrante do Ego ou Kether.

Ao estudante não será difícil correlacionar as categorias restantes kantianas ou formas da atividade do ego pensante à Árvore Sephirótica.

Quando consideramos Fichte e Hegel, encontramos uma analogia muito próxima entre o sistema de emanção da cabala, que atua em tríades, masculino, feminino e filho, e o processo dialético que tem sua expressão em um movimento positivo ou cessante, seu oposto ou negativo, e a reconciliação.

Agrega-se aqui, contudo, outro problema de grande importância que comentarei antes de seguir adiante.

O fato de que as sephiroth se disponham em tríades ou trindades, e o fato de que lhes foram adscritos nomes como o Pai, a Mãe e o Filho, levou muitos apologistas do cristianismo a defender, sem base suficiente, que a Trindade cristã está implícita na cabala.

Cito o professor Abelson em relação com este argumento:

Sem sobra de dúvida que qualquer semelhança é uma questão acidental... A filosofia de Salomon Ibn Gabirol, o neoplatonismo, gnosticismo, filonismo e outros sistemas, deixaram marcas indeléveis (isto é, na evolução da cabala). Porém o cristianismo, como você se lembram, além de ser um devedor do judaísmo, é um devedor destas fontes também; portanto, aquilo que parece ser cristão pode ser, na realidade, judeu; um desenvolvimento do material original graças a uma sequência ininterrupta de mentes judias... Porém é indiscutível que a Trindade Cristã e as trindades das dez sephiroth se encontram em planos muitos distintos.

Sobre esta questão, sinto no mais profundo de meu coração que há uma grande dívida pendente com Mr. Arthur Waite.

Embora Mr. Waite sinceramente se confessa cristão — e lembram-se, também, da obediência devida à Sé de Roma, assim dizem mais ou menos as minhas anotações — tenho analisado com todo cuidado e sem resistir as possíveis comparações que poderiam ser feitas entre o conceito da Trindade cristã e as sephiroth cabalísticas que conservam os nomes da Sagrada Família.

Em sua *Santa Cabala* demonstra, em primeiro lugar, amplamente e de forma conclusiva, que o Shechinah atribuído à sephirah Binah não pode ser interpretado como idêntico em natureza ou definição ao Espírito Santo.

Adicionalmente observa de forma que, pessoalmente, considero desnecessário, que a filosofia correspondente à união da Yod (י) zohárica e a primeira He (ה) de Olam Atziluth, seria repugnante para os devotos da Trindade.

Não é necessário explicar agora que a Trindade cristã seria inclusive mais censurável e digna de todo desprezo para os veneráveis rabinos das Santas Assembleias.

Do meu ponto de vista, fixando a atenção para o problema em si, não pode existir a mais ligeira relação entre as duas formulações filosóficas que tem estado na base da virulenta controvérsia.

Insistimos com a maior veemência em que as duas Escolas em consideração especulam sobre dois tópicos totalmente distintos.

De acordo com a Igreja, os diversos aspectos da Trindade são, individualmente, Todos Uno em Deus.

Apesar disto, contudo, como Atanásio nos disse, cada pessoa individualmente, em si mesma, é Deus.

Isto não está muito de acordo com a cabala.

Ain Soph é o Infinito; a Eternidade, transcendente e imanente.

Não pode dizer-se que seja Um, visto que é Zero; e Um é um atributo, como já vimos, de manifestação e limitação.

As sephiroth que têm nomes como Pai e Mãe não podem, *per se*, sob nenhuma circunstância, ser Deus ou Ain Soph.

O *Zohar* diz claramente que as sephiroth são simplesmente *Kechleem*, vasos ou canais através dos quais se manifestam as forças divinas da evolução

criativa.

As sephiroth as quais se atribuem o Pai e a Mãe não são Ain Soph, embora estejam sempre impregnadas e sustentadas pela Vida Infinita; se consideram como manifestações.

A solução verdadeira da comparação que se pretende é muito simples, já que não existe nenhuma comparação possível.

Em minha opinião a solução é tão simples que escapou aos que disfrutavam de nimiedades e discussões lógicas.

As ideias mentais dos antigos Pais da Igreja e dos Doutores da Lei não estavam de acordo.

A Igreja ensinava três Pessoas, que eram sempre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Não entendo que esta formulação metafísica tenha outra relação do que a mais remota ao conceito cabalístico do Tetragrammaton, o nome de quatro letras de Deus.

Suas associações são Yod (י) e a primeira He (ה), o Pai e a Mãe em Transcendência; e a Vau (ו) e a He final (ה) o Filho e a Filha, gêmeos, abaixo.

Em outras palavras, *esta Sagrada Família não consiste em três indivíduos, mas de quatro.*

Deveria estar muito claro, até mesmo para um principiante em filosofia, que dois sistemas distintos estão sendo apresentado aqui, um tendo pouco ou nada a ver um com o outro.

A defesa que faz o Prof. Abelson não é, portanto, nenhuma defesa, visto que se esforça em demonstrar que os judeus não tomaram nada emprestado dos cristãos.

Na realidade está questão não está em controvérsia.

Houve uma última tentativa de agregar uma quarta pessoa à Trindade cristã em forma de um corpo místico de Cristo, que é a Igreja Católica Romana.

Um último recurso tão frágil que lhe obriga a refletir sobre as mentes nas quais se originou.

Apesar de tudo, sobre este tema surgiram polêmicas que se perpetuaram durante trezentos anos na mais pura ignorância da essência cabalística.

Reuchlin, Mirandola, Knorr von Rosenroth, Lully e muitos outros, estudaram a cabala, antes de tudo, com a falsa esperança de que ali poderiam descobrir doutrinas análogas às cristãs; doutrinas com as quais compeliavam os filhos de Israel a afeitar suas barbas e cortar suas guedelhas; a abandonar a fé e o conselho de seus pais e aceitar a comunhão de acordo com o rito de Roma.

Com algumas poucas exceções fracassaram no final, apesar da perversão deliberada da doutrina zohárica.

Muitos rabinos ortodoxos, como resultado direto, dirigiram um ódio venenoso e uma vituperação veemente contra o *Zohar*, aceitando *a priori*, a crença de seus perseguidores não circuncidados de que o cristianismo ou, pelo menos, a pretensão de que a Trindade e a denominação de Cristo como o Messias judeu apareciam no *Zohar*.

A culpa também é suja pela negligência de um patrimônio tão grande.

O estudante deve fazer um grande esforço para assimilar a doutrina do Tetragrammaton tão brevemente desenvolvido nos capítulos 3 e 5.

Que entenda que esta fórmula depende da compreensão de que o *Zohar* e a cabala formam uma doutrina totalmente independente do que surgiu

dentro do *Sactorum* do catolicismo de Roma.

Então se verá possuidor de suficiente saber para prevenir sua queda em uma armadilha explosiva tão superficial como a descrita, e colocará a base sobre a qual construirá uma torre de teoria e práticas mágicas.

Para apreciar realmente o movimento de tríades das sephiroth na descida da idealidade à realidade, dever-se-ia possuir conhecimentos de filosofia desde Platão até Hegel.

Esta tríplice ação de movimento, sua negação e sua reconciliação (que Hegel considerava um tipo de controvérsia lógica), está universalmente reconhecida como o verdadeiro método de filosofia.

A cabala, avançando graças a este processo dialético e antecipando-se a Hegel e Spencer, propõe um sistema de evolução altamente compreensível em que — para usar a conhecida fórmula de Spencer:

Há uma mudança contínua a partir da homogeneidade incoerente indefinida (Ain) para definir a heterogeneidade da estrutura e da função (Malkuth) através de sucessivas diferenciações e integrações (as sephiroth que intervêm).

Fichte, em suas investigações filosóficas, começando pelo Ego (Kether), considerou que possuía conhecimento, pensamento e consciência.

Afirmou que pensar não é a essência do Ego, mas simplesmente uma de suas atividades (abaixo do Abismo, acrescentaria a cabala) e, desta forma, por um exame do ato de pensar, chegou a seus três primeiros princípios.

Mediante a dialética, o reconhecimento do Self (Kether – A Coroa) como um ponto de partida, implicando qualquer coisa que se conheça e experimente, tentou vencer ao dualismo kantiano que separava o mundo fenomenal do mundo numenal, e tornava este último “incognoscível”.

Primeiro está o Ego, o Self ou Sujeito, dado em cada cognição; infinito e inesgotável em sua natureza, porém obscuro, pois o conhecemos apenas em sua atividade — que tem uma forma especial, o “postulante” ou o antecipador de energia, atividade pura, a manifestação do Self.

Isto produz o Objeto, o oposto do Self, o não-ego (não-ser de Hegel), que corresponde a Binah, visto que esta última é a raiz da matéria e o oposto do Ser.

O objeto é seu primeiro estranho, que atua sobre o Self e este atua por sua vez sobre ele.

Considera-se, então, que estão em relação recíproca, e de sua interação surge a harmonia do autoconhecimento (o terceiro princípio), ou Chokmah, Sabedoria, nossa segunda sephirah.

Encontramo-nos com um perfeito prenúncio do idealismo alemão em vários escritos dos antigos cabalistas, e a seguinte citação do rabino Moses Cordovero é uma prova dele:

As três sephiroth devem ser consideradas como uma única entidade.

A primeira representa o “conhecimento”, a segunda o “conhecedor”, a terceira “aquilo que é conhecido”.

O Criador é Ele Mesmo, em um e ao mesmo tempo é o conhecimento, o conhecedor e o conhecido.

Na verdade, Sua forma de conhecer não consiste em aplicar Seu pensamento às coisas que lhe sejam externas; Ele conhece e percebe como são todas as coisas por autoconhecimento.

Não existe nada que não esteja unido a Ele e que Ele não encontre em sua própria essência.

É o modelo de tudo o que existe, e todas as coisas existentes Nele sob sua forma mais pura e perfeita...

É assim que todas as coisas existentes no universo têm sua forma nas sephiroth e as sephiroth têm as suas na fonte das quais emanam.

Para demonstrar a forma na qual se pode aplicar o saber cabalístico teria que dar outro tipo de exemplo.

Em sua *Conferência Swarthmore, Ciência e o Mundo Invisível*, o Prof. A. S. Eddington observa que "além das cargas elétricas dispersas no caos primitivo formaram noventa e dois tipos diferentes de matéria — noventa e dois elementos químicos... Na essência da diversidade dos noventa e dois elementos reflete a diversidade dos números inteiros desde o um até o noventa e dois; porque as características químicas do elemento de nº 11 (sódio) surgem do fato de que, a baixa temperatura, tem o poder de reunir ao seu redor onze cargas elétricas negativas; as do nº 12 (magnésio) tem o poder de reunir doze partículas, e assim sucessivamente."

Deixemos por um momento a Conferência Swarthmore para pedir ao leitor que considere conosco uma passagem altamente significativa do recente trabalho de Sir James Jeans, *O Universo Misterioso*; citação da página 8:

Hoje em dia todos e cada um dos fenômenos que se atribuíam à "força vital" estão sendo estudados pela ação dos processos ordinários da física e da química.

Embora o problema se encontre, todavia, longe de uma solução, considera-se bastante provável que o que distingue especialmente a matéria dos corpos vivos é a presença não de uma "força vital", mas do elemento comum "carbono"...

Se for assim, a vida existente no universo deve-se apenas ao fato de que o átomo do carbono possui certas propriedades excepcionais...

Até aqui nada se conhece para justificar sua capacidade especial de unir a outros átomos.

O átomo do carbono consiste em seis elétrons que giram ao redor do núcleo central apropriado...

Em sua *Conferência Swarthmore*, Eddington fala de um tema idêntico, indicando que a estrutura eletrônica do elemento carbono é a responsável pela vida e a que fornece a base física da mesma.

Esta concepção das coisas se aproxima agora tremendamente daquele adotado pelos cabalistas.

No momento vou me referir somente ao carbono, deixando que o leitor averigue por si mesmo as correspondências do sódio e do magnésio, mencionadas por Eddington.

Os cabalistas afirmam que a manifestação da Vida está definitivamente relacionada e é parte da conotação do número seis.

O mesmo carbono tem a ver com a combustão, a combustão do fogo e o calor; o calor, em última análise, tem a ver com o Sol.

Podemos supor que o Carbono é uma manifestação, ou a base subjacente, da vida no microcosmo, e o Sol, a fonte de vida no Macrocosmo.

Será observado que uma das diversas atribuições da sexta sephirah, Tiphareth ou Harmonia, era o Sol.

Evidentemente, é óbvio que nossa existência depende totalmente da órbita solar e de seu calor, outorgador de vida e vitalidade.

Poderia não haver a mais ligeira manifestação de vida neste planeta pelo menos nenhuma forma de vida como nós a concebemos; nenhum reino mineral, nenhum tipo de vegetação viçosa e exuberante que amamos tão delicadamente; nenhum tipo de vida animal —, se de alguma maneira privar-nos de nosso Pai Sol, com todo seu sustento e calor.

Como veremos, a cabala vai ainda mais longe.

Não somente o Sol é nosso Pai do ponto de vista físico, mas que nossa existência espiritual interior, que é nossa verdadeira vida, está intimamente relacionada com a do Sol de todas as maneiras possíveis.

O Sol, como o vemos, é o veículo exterior do Sol Espiritual interior; a túnica ardente de um deus ou grupo de deuses de cuja natureza somos parte integrante, e de cuja vida não podemos separar; da mesma forma em que as células que constituem nosso próprio organismo, são osso de nosso osso, carne de nossa carne e alma de nossa alma.

Como um dos rituais mágicos adaptado do *Livro dos Mortos* egípcio — expressa: "Sou o Eidolon de meu pai Tmu, Senhor da Cidade do Sol".

O estudante de religiões antigas notará também nesta relação o fato inegável de que aos grandes mestres ou Adeptos (aqueles que chegaram a Tiphareth, pelo menos, a sephirah do Sol; veja o próximo capítulo) que deixaram suas impressões no culto popular — Attis, Adônis, Osíris, Mitra, Dionísio, Jesus Cristo — foram identificados, quase sem exceção, com o ciclo da viagem do Sol através dos céus, ou para ser mais preciso, o ciclo de suas vidas foi adaptado ao ciclo superior do Sol.

O Natal é celebrado durante o solstício de verão, a crucificação no equinócio de outono, todos sugerindo o nascimento do ano e a elevação do Sol abaixo do Equador.

Existem numerosas variações sobre este tema, porém os símbolos são quase sempre equivalentes.

O tema do exemplo ou a história é quase sempre a mesma; esse é o milagre exterior de vida abundante, sempre auto estabelecida, triunfante sobre a morte — o retorno do Sol.

Por conseguinte, seis pode se referir ao carbono e à ideia dos elementos físicos necessários para a manifestação da vida; porém para os cabalistas, como já indicamos, significa infinitamente mais; imediatamente relacionam o número seis com tudo aquilo que se refere ao Sol, seu número esotérico, seus emissários terrenos e a consciência espiritual como um todo.

Seguindo com a citação do livro de Jeans:

O fenômeno do magnetismo permanente aparece em um grau enorme no ferro e em um grau menor em seus vizinhos, o níquel e o cobalto...

Os átomos destes elementos têm 26, 27 e 28 elétrons, respectivamente...

Como consequência destas leis, os átomos têm certo número definido de elétrons, a saber, 6, 26 até 28...

Tem certas propriedades especiais que se manifestam nos fenômenos da "vida", "magnetismo" e "radioatividade", respectivamente.

Estes números 6, 26, 27 e 28 estão claramente relacionados com as ideias mantidas no esquema cabalístico que simbolizam as mesmas qualidades

reconhecidas por pensadores científicos como inerentes aos elétrons com o número de átomos já mencionados.

O átomo de carbono com seus seis elétrons pode ser atribuído harmoniosamente à sexta sephirah, como já se fez antes, e podemos examinar agora os outros três números com vistas a averiguar de que maneira se relacionam com os princípios filosóficos destacados anteriormente.

O Caminho de nº 26 na Árvore da Vida é a letra Ayin (א), cujas atribuições são emblemáticas das diversas forças criativas da natureza representadas particularmente por Príapo, o deus fecundo; implicando também a ideia do desejo e o instinto cósmicos que se manifestam, por exemplo, na atração coesiva ou no magnetismo de uma molécula por outra.

A letra Peh (פ) é o Caminho nº 27 e sua principal atribuição é Marte, que é a força elétrica vitalizante, animando e impregnando todas as coisas.

A tradição atribui o ferro a letra Peh (פ), o número 27, embora haja uma ligeira diferença com a ciência moderna, que assinala que o elemento ferro tem 26 elétrons.

Considerando, contudo, o padrão central com os 26 elétrons girando, teremos 27, que é Peh (פ).

Não obstante, isto é arbitrário e está aberto à discussão.

28 é o Caminho de Tsaddi (צ), que une Netzach a Yesod.

O significado deste Caminho é mais bem percebido com uma análise das sephiroth que une na Árvore.

O gráfico mostra como este Caminho une Netzach e Yesod.

Netzach é a esfera de Vênus e, em conjunto, a implicação desta sephirah é amor de natureza sexual, representando às forças generativas da natureza; por conseguinte as implicações são o magnetismo e o desejo geral de dar.

Yesod é a Fundação que é atribuída ao Plano Astral; e a substância astral é, por definição, de natureza magnética, sutil e elétrica.

Embora o termo "radioatividade" não foi usado durante o último quarto do século XIX, o leitor poderá, não obstante, descobrir sem nenhuma dificuldade, que a descrição das qualidades da matéria astral são quase idênticas às dadas por investigadores científicos atuais aos elementos que se consideram radioativos.

Creio que já disse bastante para ensinar o leitor em que linhas deve atuar para usar a cabala como um sistema de comparação de ideias.

Os exemplos dados não pretendem ser mais do que simples sugestões, e espera-se que, em um futuro não muito distante, algum estudante nos proporcione um estudo claro de toda a história da filosofia, comparando seus logros mais importantes com a ideologia da cabala; e uma classificação cuidadosamente tabulada mostrando a constituição eletrônica dos noventa e dois elementos, um ao lado do outro, com uma série elaborada de correspondências cabalísticas.

Continua